

FORMATION HUMÂNUS: O resgate da essência humana no ensino como impulso em busca do progresso

PATRICIA VOLPE

Orientador Prof. Dr. Marcelo Martins Bueno

Apoio: PIVIC Mackenzie

RESUMO

Uma revolução está ocorrendo, uma mudança histórica e fundamental no pensamento humano em termos coletivo, é tempo de transição, de mudança na estrutura do pensamento humano que passa a se fundar na nuvem, na internet, na fibra óptica, na rede, nas possibilidades que se afiguram sem limites. Nossos alunos, contemporâneos dessa transição, são filhos de uma geração parte analfabeta e parte educada em um ensino em massa sem afeto, o tecnicismo. O resultado dessas duas premissas desemboca em suicídio de jovens cada vez mais novos, na falta de interesse na escola e no aprendizado, no crescimento das indústrias de remédios psiquiátricos e, na decadência da política. O avanço da tecnologia tem acelerado mudanças sociais, mas esquecemos do seu alicerce, do principal eixo para qualquer avanço, o humano. Em um momento de revisão de valores sociais, nunca, foi tão urgente à inserção de humanização na educação e a filosofia aqui trabalhada dialoga com a escola, constatando que as pessoas aprendem melhor quando se engajam ativamente na resolução de um problema de sua realidade concreta, mas, que não damos reais subsídios para tais habilidades. Nossa pesquisa buscou analisar a formação escolar, especificamente do ensino médio, e para isso, utilizamos referenciais como Vygotsky, Piaget, Aristóteles, Paulo Freire e Tomás de Aquino para pautar um caminho seguro de pesquisa. Apostamos aqui na participação do próprio indivíduo, ou seja, do aluno, em uma cooperação mútua. “Que aula poderia ser incluída em nosso currículo escolar?”, foi a pergunta a ser respondida pelos alunos do Projeto Humânus.

Palavras-chave: Filosofia. Educação. Humanização.

ABSTRACT

A revolution is happening. A historical and fundamental change in human collective behaviour is under progress. It is a time of transition and structural change in our thought process as human beings that permeates computer networks, the internet, the cloud, fibre optics and countless other possibilities. Our students, who are living through this transition, are the sons and daughters of a semi literate generation that received some level of mass education without any affection or technicality. These factors result in many things, such as higher suicide rates amongst young people and their lack of interest towards learning, as well as in the growth of the psychiatric drug industry and the decadence of politics. Advancements in technology have accelerated social change, however we forget its foundation - the main ingredient towards any progress - human beings. In a moment of revision of social values, it has never been so urgent to implement the “humanisation” of education. In this context, the study of Philosophy plays a big role within schools. We have verified that people learn better when they are actively engaged in the resolution of a problem that is consistent with their own concrete reality. They are, however, not given actual subsidies to allow them to develop these abilities. Our research sought to analyze school education, specifically the high school in terms of brazilian educacional system. We have framed our research based on the works of Vygotsky, Piaget, Aristóteles, Paulo Freire and Tomás de Aquino. Here, we believe in the participation of the individual in their own learning process - a mutually cooperative relationship. “What class could be included in our school curriculum?” was the question that we asked to our students from Projeto Humanus.

Keywords: Philosophy. Education. Humanization

Dedico esse trabalho ao ser humano, que se alimenta de crises fazendo-as subsídios para que cresça o novo ser, que se adapta individual ou coletivamente ao tempo, que se pedem ou se doam em trocas conscientes ou inconscientes nas quais perdas e ganhos de todos são alimentos comuns que sobram ou faltam. Que esse trabalho possa somar aos esforços de cocriadores de humanidade, em nossa incansável saga do desejo sublimado e sedento por mudanças para nos perpetuar nas reminiscências de nossa eterna essência.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter estado comigo em todos os momentos de realização deste trabalho, e de minha vida desde sempre e até aqui.

Aos meus amigos, familiares e filha, que compreenderam a minha ausência enquanto eu me dedicava à realização deste trabalho.

Aos amigos Hamilton José Ferra e Rangel Gregório, que acreditaram no projeto aqui realizado, pela amizade incondicional e pelo apoio demonstrado ao longo de todo o período de tempo em que me dediquei a este trabalho.

Ao Prof. Dr. Marcelo Martins Bueno, por ter sido meu orientador e ter desempenhado tal função com dedicação e amizade.

Aos alunos do Projeto Humãnus com quem convivi intensamente durante os trabalhos dessa pesquisa, pelo companheirismo ao longo deste percurso e pela troca de experiências que me permitiram desenvolver com honestidade nossa busca, demonstrando um amplo comprometimento regado por uma esperança a qual só os jovens contemporâneos poderiam produzir.

Ao Projeto Move Sanca e seus integrantes, pela credibilidade e pelo apoio em fornecimento de cestas básicas que foram fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa que possibilitou a realização deste trabalho.

A todos que participaram, direta ou indiretamente, do desenvolvimento deste trabalho de pesquisa, enriquecendo o meu processo de aprendizado e, minha caminhada nessa vida.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	01
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	03
3 METODOLOGIA.....	11
4 RESULTADO E DISCUSSÃO.....	16
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
6. REFERÊNCIAS.....	31

INTRODUÇÃO

Quando falamos aqui em progresso, visamos no horizonte o único eixo do qual todos os outros dependem, o humano. Acreditamos que todo e qualquer progresso, seja no setor social, educacional, cultural ou econômico, é e sempre será dependente e condicionado ao nível de desenvolvimento humano. Pela ótica de nossa linguagem, humanidade refere-se ao conjunto de características específicas à natureza humana como, sentimentos de bondade, de benevolência em relação aos semelhantes, de compaixão, de piedade em relação aos desfavorecidos, entre outros. Ou seja, um eixo gigante por natureza e delicado por sua subjetividade, mas, que implora por atenção como a raiz de todos os outros setores.

Partimos do pressuposto de que as pessoas conhecem melhor por meio de sentimentos aos quais são expostos, ou seja, com suas emoções, vivenciando o conhecimento para relacioná-lo com algo que já traz dentro de si, principalmente quanto à formação como cidadão ou, a sua formação integral enquanto ser subjetivo. No caso da formação humana aqui pesquisada, seria o bem uma tendência inata a todos, ligada à busca da felicidade que todo ser humano almeja, seja através de atos maus ou bons. Como antagônico ao ensino tecnicista, que sempre nos ensinou visando acima de tudo uma carreira de sucesso futura, onde o sucesso profissional acarreta ao poder aquisitivo que por sua vez, é o meio seguro de sermos felizes e plenos. Mas, não constatamos tais resultados.

Não nascemos seres humanizados, aprendemos a ser. O ser humano é tão adaptável que, se desde bebê um indivíduo for criado com lobos ou macacos, por exemplo, acaba desenvolvendo traços dos mesmos, como o jeito de viver e conviver, de se comunicar, de se alimentar e etc. Quando nascemos e somos criados entre outros seres humanos, recebemos do nosso meio e de nossos próximos toda a herança humana que conquistamos até aqui. Aprendemos papéis sociais tais como o que é ser mulher, ser homem, ser criança, relacionamentos, como comer com talheres, como se comportar e etc. Além, é claro, de recebermos pelo menos o mínimo dos conhecimentos já conquistados nas ciências como um coletivo até hoje, na escola, quando lá aprendemos a ler, a escrever e a fazer contas que talvez nunca mais as usaremos, o que já sabemos sobre geografia, história, biologia ou física em seus conteúdos mínimos descobertos até aqui.

O problema é quando, no caminhar da vida, precisamos decidir ou tomar atitudes no âmbito de nossas vidas pessoais que possam vir a prejudicar alguém, a nós mesmos ou ao meio ambiente, quando a questão é ética, afetiva, psicológica ou qualquer questão subjetiva que são inatas e específicas do ser humano. Onde, procuramos conhecimento base para arbitrar, para pautar nossa escolha do caminho a seguir, a agir? Nas aulas de física? Talvez

nas de equações de terceiro grau? Não, não temos conteúdo educacional planejado na grade de matérias escolares que dê o aporte humano mínimo e necessário para seguirmos no caminho do bem comum, e, conseqüentemente, no bem individual. Não o temos na família, que também sucumbe às necessidades contemporâneas, nem na escola, que está em sua grande parte ainda submetida a uma política educacional tecnicista.

O ser humano hoje, obviamente e como sempre o será, é resultado da produção ou modelo social e educacional do passado. E se hoje, temos e vivemos a maior crise de problemas enraizados no eixo humano, problemas que refletem em números mundialmente assustadores de suicídios entre jovens, índices de depressão cada vez maiores e mais precoces, automutilação e violências diversas entre adolescentes, fica claro que deixamos de ensinar algo durante a transmissão de nossa herança humana na formação dos jovens. E esse algo, afirmamos aqui, são os princípios de humanidade. Se aprendemos a sermos o que somos, seres humanos, mas, ninguém nos ensinou humanidade, a formação integral fica esquecida.

O eixo central dessa pesquisa foi à tentativa de resgatar no ensino escolar, influenciador ativo na formação do “eu” na sociedade, possíveis noções sobre a vocação humana, sobre o que é ser gente, assumindo a premissa da educação como portadora do papel de humanizar nossos estudantes. Buscamos entre adolescentes de 15 e 16 anos, matriculados em escola pública, problemáticas educacionais a partir de suas necessidades atuais e concretas, por meio do olhar do educando e de suas realidades. Indivíduos esses moradores de bairros periféricos da cidade, marcados pela falta de infraestrutura, por vizinhança e famílias com baixa ou, nada de renda. Bairro com casas simples feitas pelo governo nas quais os contemplados pagam de R\$ 26,00 a R\$ 70,00 por mês, onde linhas de ônibus passam apenas dois ou três horários por dia no bairro. O tráfico de drogas é forte, constante, e flui nas ruas e calçadas de noite e também a luz do dia, em meio a crianças soltando pipas ou andando de bicicletas. Entre as famílias há aquelas que sobrevivem com o salário família, sendo esse um dos motivos assumidos pelos próprios pais, de exigirem de seus filhos irem à escola, para receberem tal benefício. Algumas famílias do bairro sobrevivem com reciclados, outras com pequenos comércios montados nas salas ou garagens de suas pequenas casas, outras, com o próprio tráfico.

Ao buscarmos alunos para participarem do projeto que aconteceria aos sábados, em uma escola pública do bairro no período da manhã, não conseguimos sucesso algum nas adesões. Os adolescentes não se interessavam em ‘estudar mais uma coisa’, os pais não os apoiavam ou incentivavam a fazerem, pois segundo alguns, precisavam que os adolescentes ficassem ‘a disposição para trabalhos’, para ajudarem em despesas da casa. Pausamos as matrículas e buscamos mudar a estratégia buscando apoiadores, padrinhos, para ajudarem

com uma cesta básica por aluno, por mês, para que participassem do projeto. Só após conseguirmos essa ajuda para as famílias, tivemos sucesso nas matrículas e pudemos dar andamento em nossa busca.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo Piaget, a relação do ser humano com o meio ambiente é responsável pelo desenvolvimento de novas estruturas cognitivas. Para ele, o conhecimento não é uma cópia da realidade. Conhecer um objeto ou um evento não é simplesmente observá-lo e fazer uma cópia mental dele, mas atuar sobre ele, modificá-lo, transformá-lo. Essa proposição inspirou a construção de um arcabouço teórico denominado Construtivismo, onde o aprendizado é construído pelo aluno, que teve Piaget como um dos principais representantes. Promover o efeito do projeto Humanos e seu conteúdo no que se refere à formação humana se deu por meio de ações dos alunos, visando à experiência como via para aquisição do conhecimento e entendimento do conceito de humanidade, incentivando os alunos a construírem juntos, o conhecimento proposto na aula.

Jean Piaget (Suíça - 1896-1980) foi um dos nomes mais influente no campo da educação durante a segunda metade do século XX, a ponto de quase se tornar sinônimo de pedagogia. Não existe, entretanto, um método Piaget, como ele próprio gostava de frisar. Ele nunca atuou como pedagogo. Antes de tudo, Piaget foi biólogo e dedicou a vida a descobertas que tiveram grande impacto na pedagogia, mas, de certa forma, demonstraram que a transmissão de conhecimentos é uma possibilidade limitada, pois, segundo seus estudos, não se pode fazer uma criança aprender o que ainda não tem condições de absorver, e, mesmo tendo essas condições, não vai se interessar a não ser por conteúdos que lhe façam falta em termos cognitivos.

Para Piaget, o conhecimento e o corpo são interdependentes e a atividade mental se submete às mesmas leis que ordinariamente governam a atividade biológica. Com isso, ele concebe o desenvolvimento intelectual do mesmo modo que o desenvolvimento biológico, entendendo que os atos intelectuais são entendidos como atos de organização e adaptação ao meio. O desenvolvimento e a maturidade física do indivíduo são os responsáveis por seu desenvolvimento cognitivo e social, e, somam-se aos desafios e problemas que precisa enfrentar ao longo da vida, as situações de interação social e cultural com as quais se envolve são ferramentas para determinar o desenvolvimento da inteligência humana. Piaget procurou explicar como se dão o desenvolvimento da inteligência e o processo de construção do conhecimento. O importante nessa sua abordagem é que não importa o comportamento

humano em si, sozinho, mas sim as modificações que ocorrem em suas estruturas cognitivas por meio dele.

Para o cientista suíço, o conhecimento se dá por descobertas que o próprio indivíduo faz, um mecanismo que outros pensadores antes dele já haviam intuído, mas que ele submeteu à comprovação na prática. Educar, para Piaget, é provocar a atividade, isto é, estimular a procura do conhecimento. A pesquisa aqui relatada se ateve a fase humana a partir dos 12 anos, que para Piaget, é quando que começa o estágio das operações formais. Essa fase marca a entrada na idade adulta, em termos cognitivos. Nela, a criança passa a operar com hipóteses, a pensar de maneira lógica, reversível, operatória, baseada em proposições, em puras frases e puras hipóteses. Ou seja, já como um adolescente, passa a ter o domínio do pensamento lógico e dedutivo, o que o habilita à experimentação mental. Isso implica, entre outras coisas, relacionar conceitos abstratos e raciocinar sobre hipóteses. Esse seria o 6º estágio, o estágio das operações intelectuais abstratas da formação da personalidade e da inserção afetiva e intelectual na sociedade dos adultos.

No 6º Estágio, o Período Operatório Formal, acontece à fase que separa a infância da idade adulta, como uma “crise passageira” e, devido à maturação do instinto sexual, a adolescência é marcada por desequilíbrios momentâneos. É por volta dos 11 e 12 anos que acontece uma transformação fundamental no pensamento da criança. As operações lógicas começam a ser transpostas do plano da manipulação concreta para o das ideias expressas em linguagem, mas sem o apoio da percepção, da experiência, nem mesmo da crença. Livre atividade da reflexão espontânea. O adolescente demonstra um egocentrismo intelectual e se acha bastante forte para reconstruir o universo e suficientemente grande para incorporá-lo.

A vida afetiva do adolescente afirma-se através da soma de sua personalidade com sua inserção na sociedade adulta. A personalidade começa no fim da infância com a organização autônoma das regras, dos valores e a afirmação da vontade, com a regularização e hierarquização moral das tendências. Pela formação de sua personalidade, coloca-se em igualdade com os mais velhos, mas, sentindo-se outro, um indivíduo, tenta ultrapassá-los e naturalmente espantá-los, transformando o mundo. No seu interior há uma oscilação entre sentimentos generosos, projetos altruístas e fervor místico, inquietante megalomania e egocentrismo consciente. A verdadeira adaptação à sociedade vai-se fazer automaticamente, quando o adolescente, de reformador, transformar-se em realizador.

Dos estágios e processos responsáveis pela construção do conhecimento, Piaget define por esquemas as estruturas cognitivas pelas quais os indivíduos intelectualmente se adaptam e organizam seu meio. Em outras palavras, esses são os correlatos mentais dos mecanismos biológicos de adaptação, e os esquemas não são objetos reais, mas sim conjuntos de processos dentro do sistema nervoso. Podemos dizer então que o

desenvolvimento intelectual e comparativamente o biológico, na visão de Piaget, consiste em um processo contínuo de construção e reconstrução, que são definidos a partir de comportamentos observáveis e de estruturas internas das quais emergem os comportamentos. Em outras palavras, trata-se de processos responsáveis pelas mudanças e Piaget, os denominam processos de assimilação e acomodação.

É o equilíbrio, o último processo, uma condição necessária pela qual o organismo luta, constantemente. Segundo Piaget, nesta etapa o novo foi compreendido, organizado e estruturado. Já não há mais incômodo entre o indivíduo para com a novidade anteriormente conflitante. Após algum tempo, o indivíduo passará a dominar o novo objeto assimilado e acomodado, chegando a um ponto de equilíbrio. Assim que atinge esse patamar seu conhecimento sobre o mundo agora é outro, maior e mais desenvolvido.

Escolhemos essa fase ou idade para nosso projeto, que possibilita ao cidadão em formação o pensar sobre o pensar, a efetivação das relações de causa e efeito a partir de esquemas hipotéticos dedutivos. E vai uma grande demanda de tempo para a formação de conceitos abstratos como o amor, a fantasia, a justiça, a democracia, as virtudes, em uma flexibilidade de pensamento. É nessa fase que se dá a construção da própria moral, por exemplo.

Na visão de Piaget, cada estágio resulta no surgimento de estruturas cuja construção o distingue dos estágios anteriores. O essencial dessas construções sucessivas permanece no decorrer dos estágios, como subestruturas, sobre as quais se edificam as novas características. Cada estágio se constitui então pelas estruturas que o define, mais uma forma particular de equilíbrio do novo estímulo, e tornando-se cada vez mais complexo. Partindo dessas premissas, Piaget explica que as escolas podem alcançar um resultado melhor quando apelam para os interesses das crianças e quando os conhecimentos propostos correspondem às suas necessidades. Dessa maneira, as realidades adquirem valor para o indivíduo na medida de suas necessidades por ela, dependendo do equilíbrio mental momentâneo e, sobretudo, das novas incorporações necessárias à sua manutenção.

Nesse sentido, em nossa pesquisa, buscamos uma ação docente construtivista pautando-se nas condições concretas do aluno, no conhecimento dos períodos de seu desenvolvimento em relação aos esquemas de elaboração mental e no respeito a sua individualidade dentro do contexto em que está inserido. Para isso e por isso, nessa pesquisa, envolvemos os próprios alunos na busca de uma possível aula que atendesse as suas problemáticas, conteúdos que lhes interessassem no dia a dia como cidadão ativo e consciente de si e do próximo.

Os críticos de Piaget costumam dizer que ele deu importância excessiva aos processos individuais e internos de aquisição do aprendizado. Os que afirmam isso em geral

contrapõem a obra piagetiana à do pensador Lev Vygotsky (Rússia - 1896-1934). Para Vygotsky assim como para Piaget, o aprendizado se dá por interação entre estruturas internas e contextos externos. A diferença é que, segundo Lev Vygotsky, esse aprendizado depende fundamentalmente da influência ativa do meio social, o que Piaget tendia a considerar apenas uma "interferência" na construção do conhecimento. Ao trazermos o referencial de Vygotsky para perto de nossa pesquisa, levantamos questões como: Qual peso o meio social tem nos processos propriamente cognitivos das crianças e, como podemos influir nisso quando considerada as necessidades diretamente pelo olhar do aluno.

Para Vygotsky o desenvolvimento é singular, mas, dependente. A nossa espécie, é a menos pronta ao nascer, temos uma parte enorme do desenvolvimento aberto, a ser realizado enquanto vivos, com um cérebro extremamente flexível, pronto para receber sementes e escrever nossa microgênese em sua plenitude humana. O desenvolvimento humano (Filogêneses), no sentido de humanização, se dá pelo contato e convivência com outros humanos, ou seja, com a cultura (sociogêneses) durante sua formação tanto individual diante da sociedade e história (microgêneses), como em espécie (ontogêneses). O desenvolvimento biológico é visto, logicamente, com suma importância, porém, secundário, pois na ausência de outro ser humano, o homem não se constrói como, como seres geneticamente sociais.

Sem esse contato e interação, a transição das Funções Psicológicas Inferiores (elementares) para as Superiores (aquelas que nos fazem humanos) fica truncada e não há a estruturação da linguagem e pensamento, o indivíduo não recebe a herança social humana pois, segundo Vigotsky, as características individuais de uma pessoa é resultado da construção contínua vinda de sua relação com o outro, em um coletivo que veicula a cultura transmitindo a herança de ser humano.

É a partir da convivência e interação social, que acontece a internalização, a aprendizagem do como 'ser humano' passa do social para o individual (interpsicológico para o intrapsicológico), aproveitando, claro, a escola como mediadora atuante na Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) para fecundar tais valores no Nível de Desenvolvimento Potencial (NDP). Sobre a herança cultural humana, e o fato de que aprendemos com ela, as características e atitudes individuais do ser humano estão profundamente ligadas à troca com o coletivo.

Fato é que, cada idade biológica no ser humano exige uma educação ideal para seu momento. Assim também o é quando se refere ao coletivo. Cada idade coletiva, ou momento histórico, necessita de sua educação ideal. É necessário a busca da educação ideal frente às problemáticas atuais, contemporâneas, de nossa sociedade.

Na busca de possíveis conhecimentos a serem transmitidos na aula aqui buscada, que atendesse então as necessidades do eixo humano na educação escolar, tentamos visualizar

uma ética universal, universal por ser fundamentada ou construída sobre virtudes possivelmente universais. Em São Tomás de Aquino, encontra-se uma união intrínseca entre o homem corpóreo e sua essência espiritual, coerente com o pensamento de Aristóteles e diferente de Platão, onde essa união é extrínseca ou muito tênue. Para Tomás, seguindo uma herança Aristotélica, ATO é a manifestação de algo que existe em POTÊNCIA. Pode até haver duas potências contrárias dentro do aluno, mas só uma se tornará ato, e ela pode ser impulsionada, estimulada conforme refletimos em Piaget e Vygotsky através de metodologias Freirianas.

O conceito de resgate da essência humana por meio do ensino, leva em conta o pensamento tomista que ao observar na palavra “*ensino*” e sua origem na “*in signus*”, ressalta por si mesma a forma como se deve ensinar, especialmente no que diz respeito a uma ciência humana: mostrar signos ao aluno, para que ele deduza (extraia) de si mesmo o conhecimento que o levará a uma prática ou um ATO correto. Esse ato correto viria do desenvolvimento das virtudes, para construir o verdadeiro progresso. Logo, nosso trabalho buscou então um possível progresso ligado ao desenvolvimento da essência humana com um juízo de valor mínimo que independem da língua, espaço geográfico ou tempo vivido pelo indivíduo.

Os sete principais vícios de conduta, tomando por base as Epístolas de São Paulo, são quase tão antigos quanto o cristianismo, ou, quanto o homem em seu estado homem, mas, só foram definidos ou formalizados no século VI pelo Papa Gregório Magno. Os Sete Pecados se tornaram “oficiais” na Igreja Católica, no século 13, com a Suma Teológica de São Tomás de Aquino explicando o que os tais pecados têm que os outros não têm. Outras religiões, como o judaísmo e o protestantismo, também têm o conceito de pecado em suas doutrinas. São João revela-nos, na sua primeira epístola, a existência de três concupiscências como fonte de todos os pecados, especialmente dos sete pecados capitais. Da carne nascem a gula, a luxúria e a preguiça. Dos olhos nasce à avareza, a inveja. Da vida nasce o orgulho ou amor da vã glória, a cólera. Um pecado é definido por sua ação, ou seja, um bem definido que o pecado perverte. O termo “capital” deriva do latim “caput”, que significa cabeça, líder ou chefe, significando que as sete infrações são as “líderes” ou, fontes de todas as outras.

Segundo São Tomás de Aquino, todo pecado se fundamenta em um cabeça, um pecado *caput*. Então, se mostrarmos os problemas sociais atuais ou de qualquer tempo, conseguimos chegar a um problema raiz. E se cada virtude remedia um pecado, as virtudes podem ser conteúdos potentes para o ensino de um juízo de valor mínimo humano. De acordo com o pensador, para cada pecado há uma virtude que o anula, e vice versa, consideramos e incluímos então, tal conteúdo em nosso projeto. Analisamos, junto com os alunos, a presença real dos sete vícios escondidos na realidade contemporânea, os maus hábitos acarretados por eles e o fato da dualidade da existência de cada, naturalmente houve a

reflexão sobre os contrários aos vícios, em modelos ideais de convivência fundamentada em valores de virtudes.

De acordo com Paulo Freire, ninguém começa a ler a palavra sem antes aprender a ler o mundo, o que advém da capacidade de olhá-lo e interpretá-lo. Acrescentamos também que é preciso senti-lo sob a ótica do próximo. É preciso uma pedagogia fundada na ética, no respeito à dignidade e à própria autonomia do educando. Para Gadotti, o ethos freiriano não está presente nas escolas hoje, estaria se tivéssemos uma educação participativa, democrática, em que a escola formasse para a cidadania, como está na Constituição Federal e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Isso significa que não é só formar para o trabalho, mas para a cidadania em sua amplitude, para que o povo participe da construção de uma nação. A educação supõe valores, princípios e ética, desde seus primórdios, e não discutimos isso na educação escolar. Não se trata aqui de moralismo hipócrita, mas de uma prática educativa enquanto prática especificamente humana. Como educação humana, ela precisa ser política, artística e moral, pois o ser humano é envolto por todos esses elementos em sua vida concreta. A falta desses elementos é uma violenta ruptura com a natureza humana social e histórica.

Em uma sociedade com traços profundos, riscados pela ética do mercado que acarreta o estímulo ao individualismo, a competitividade, ao não enfrentamento de problemas, Freire já anunciou a solidariedade enquanto compromisso histórico de homens e mulheres, não mais a ética menor, restrita, que se curva aos interesses do lucro do que não é essencialmente humano. Paulo Freire propõe uma educação problematizadora, balizada pelo respeito, pelo diálogo e pela construção do conhecimento por meio de temas geradores da realidade, explorando-se a criticidade, a criatividade dos alunos, instrumentalizando-os para o exercício da cidadania propriamente dita. O homem só constrói a si mesmo pela conscientização de seu papel de ser e estar no mundo. Dentre os desafios que a escola deve enfrentar, podemos destacar a interação e a intervenção dos aprendizes com a comunidade, como atores sociais, que buscam conhecer e sentir a realidade para reivindicarem sua cidadania, que conheçam as várias realidades a sua volta para a participação em resoluções de conflitos e formulação de soluções.

Partimos então, dessas referências e apostando que, mesmo o indivíduo trazendo em si, pelas experiências sensíveis negativas, o mal, a confusão e a inclinação ao que é errado, também pode haver em si o contrário em potência: “A mesma coisa pode ser simultaneamente em potência, dois contrários, mas não o pode em ato.” (Aristóteles; metafísica, p. 118). Então, como mediar e incentivar o ato positivo através das escolhas? Tentamos mostrar ao aluno as possibilidades para o bem e, os resultados/consequências para cada ato bom, mas em prática. Ensinar o hábito de colocar-se em constante avaliação sobre quem ele quer ser diante

da vida independente do mundo. E aqueles que já se deixaram consolidar em ato o que é negativo?

“Aquilo que está desfazendo qualquer qualidade conserva algo do que está sendo desfeito e algo daquilo que vem a ser [...] Mudança quantitativa não é o mesmo de mudança qualitativa. Nada há de permanente quanto à quantidade.” (ARISTÓTELES, 2006, p.121).

“Percepção sensorial é alteração física e não de pensamento. Mas, aqueles que alteram sua condição corpórea, alteram seu pensamento: sempre que mudam para uma natureza diferente, sempre lhes ocorre pensar diferente”. (ARISTÓTELES, 2006, p.119).

Alterar a percepção pode modificar a reação, assim as respostas dadas aos sofrimentos podem se alojar quando vindas de um pensamento claro. Em Aristóteles, há a reflexão de que, quando não são contrários, pode haver dois modos (sentidos), nos quais uma coisa pode prover a partir de uma outra:

- a) Em consequência, onde o movimento de ‘tornar-se’ é o intermediário. Ex. Como um homem provém de um menino: aquilo que se tornou alguma coisa daquilo que está se tornando.
- b) Por outro lado, porvir de uma outra coisa mesmo não sendo contrários, envolve a destruição da primeira coisa. Ex. como a água provém do ar.

Analisemos isso enquanto a possibilidade da transformação ou criação de um elo valorativo ensinado. No caso ‘a’, seria uma conclusão de processo, portanto, irreversível. Ou seja, quando ensinado em processo, em camadas, como o crescimento biológico, o elo teria mais chances de se fixar quando apreendido. Lembrando que o mesmo pode se dar também, na esfera negativa do que aqui discutimos. No caso ‘b’, o processo é reversível, mas só se houver um princípio eterno e verdadeiro, bom ou mau, por exemplo. Aqui, vemos que, se ensinado na raiz tal elo, mesmo que algo o mude no decorrer de sua vida, será sempre possível reverter se o princípio ensinado for bom.

“A mais certa das crenças: Afirmções contrárias não são ambas verdadeiras simultaneamente. Contrários não são aplicáveis ao mesmo tempo à mesma coisa, porque a cada par de contrários um deles é uma privação do outro. Impossível afirmar e negar simultaneamente a mesma coisa verdadeiramente. Devemos afirmar ou negar uma coisa, definir verdade ou falsidade.” (ARISTÓTELES, 2006, p.125).

A mudança só pode ocorrer para o oposto, de alguma coisa para alguma coisa. “Se cada coisa for considerada relativa ao sujeito pensante, este será relativo a uma infinidade de

coisas diferentes” (p.124), então, qual é o possível laço de ligação comum a todos? Somos criadores e executores de vários acordos sociais tais como a linguagem e o comprar e vender, sendo assim, poderíamos construir um elo humano de valores se também o ensinarmos.

“Somente quando ficamos familiarizados com as causas, que supomos conhecer uma coisa” (p. 80). É acerca do menos conhecido que os erros são sempre cometidos. Toda ação, boa ou má, visa alguma coisa, um fim. Princípio causa e fim, estão associados. O mais elementar dos pecados é aquele do qual outros são produzidos por combinação. Assim como o quente não vem do frio, só se algo o esquentar, investigando as causas da geração e da destruição há como conhecer o aprendizado para isso. É preciso haver alguma coisa que assuma a qualidade final: o homem.

“O objetivo da ciência especulativa ou teórica é a verdade. O objetivo da ciência prática ou, ética e política: é a ação” (pp. 77,78). É preciso investigar na ciência prática o princípio eterno, e não mais só a aplicação relativa e imediata. “A verdade é dependente da causa. Toda coisa que transmite uma qualidade a outras coisas, contém nela própria o mais alto grau dessa qualidade (Ex. o fogo é mais quente que o forno), daí, é também o mais verdadeiro, o que faz que as outras coisas derivadas sejam verdadeiras. Os primeiros princípios das coisas têm que ser verdadeiros acima de tudo” (pp. 77,78), logo, a verdade está na causa. E aqueles que reconhecem mais de um princípio, estão bem mais capacitados para apresentarem uma explicação sistemática. Buscamos neste projeto, através desse referencial teórico, reflexões sobre os princípios/causas das boas ações e das más, através dos pecados caputs.

Tudo está em dupla. Para definirmos um é preciso seu contrário como referência para definição. Sabemos o que é o bem quando conhecemos o mal, e vice-versa. Sabemos que algo é pequeno, quando temos o grande como referencial. “Somos um em definição, mas múltiplos no tocante a sensação” (p. 58). E, escolhas, podem nos separar ou nos unir. “Sócrates foi o primeiro a buscar na esfera da ética o universal. Platão disse ser impossível uma definição geral das coisas sensíveis, pois estão em contínua mutação” (p.60). Mas há de ter algo constante nas mudanças quando pensada como princípio ou causa, carregada da verdade não só sensível, mas, sistematizada por raciocínio de causa e efeito, escolhas e consequências.

O desejo é a causa contrária da imobilidade e do repouso e, aquilo que move é naturalmente anterior àquilo que é movido. Apreender o princípio do movimento, sua causa, é mais eficaz que tentar compreender só o que está em movimento, em constante movimento. Hoje, na era da tecnologia, da nuvem, dos relacionamentos horizontais, do ‘tudo em rede’ e, ainda em democracia vigente, nossos adolescentes pouco ou nada sabem sobre a máquina política em atividade. Não estão conectados a ela, estão sim às suas margens, ao seu movimento, sem entender o princípio desse movimento.

Voltando a Freire, como presença consciente no mundo, ninguém pode escapar à responsabilidade ética no mover-se no mundo.

“Na verdade, seria incompreensível se a consciência de minha presença no mundo não significasse já a impossibilidade de minha ausência na construção de minha própria presença [...] somos seres condicionados, mas não determinados. Reconhecer que a História é tempo de possibilidade e não de determinismo, que o futuro é problemático e não inexorável.” (FREIRE, 1996, p.19).

“É por isso que transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador. Se se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando.” (FREIRE, 1996, p.19).

2. METODOLOGIA

De certa maneira, o método de ensino desse projeto já é uma pesquisa. A intenção maior que se manteve em nosso projeto quanto à metodologia, foi a de os alunos criarem seu próprio material, como pesquisadores, se baseando nos assuntos discutidos em rodas de conversas dentro da sala de aula e, em atividades em casa ou externas, em campo. Visando o ensinar como um espaço ou dinâmica onde se faz possível criar possibilidades para a produção e construção do conhecimento que queríamos trabalhar. Os conteúdos em si foram se construindo e se moldando conforme demandas dos próprios discentes durante as rodas. Lousa, Data Show e visitas/trabalhos externos foram os recursos didáticos, considerando que o aluno aprende por assimilação e usa sempre a sua realidade para gerar conexões que a façam assimilar o que é novo, buscamos insumos nas próprias vidas, dúvidas e anseios dos alunos.

Nessa metodologia, seguindo o construtivismo, não possui um currículo fechado e engessado, muitas atividades foram propostas ao longo do ensino e maneira a deixar o aluno como protagonista. Acrescentamos que, trabalhar com essa luz, é como introduzir formatações a uma realidade virtual da própria estrutura cognitiva do aprendiz, construído a partir da motivação interior, ou seja, do desejo de aprender o que é útil, possibilitando sua ação na realidade concreta. Buscamos um ensinar que não se esgotasse no tratamento do objeto, mas que se alinhasse à produção das condições em que o aprender criativamente se desenvolvesse. Conteúdo aprendido em sua razão de ser.

O material didático tradicional, cujo conteúdo é cuidadosamente sistematizado de acordo com uma sequência estruturada e lógica (típica da abordagem behaviorista), também perderam lugar para sínteses, jornais, vídeos e textos elaborados pelos envolvidos e os

alunos se tornam atores e autores do seu processo de construção de conhecimento durante o projeto, e não apenas um receptor de informações previamente sistematizadas. As estratégias que usamos estavam centradas principalmente na iniciativa do aluno, valorizando o conhecimento que ele tem e avançando com ele na descoberta de novas formas de trabalho, visando um aluno conhecedor de sua realidade, criativo, mais crítico e participativo. O “erro”, não implicava em “punição” do aluno, mas servia para indicar como ele está desenvolvendo os seus esquemas mentais e sociais e como chegou a tal conclusão. Buscamos sempre o porquê ele pensou assim, deixando-o expressar seus motivos e caminhos.

Depois, sugerimos novos caminhos com colocações do tipo, “mas e se fosse assim, o que vocês acham que aconteceria?”. O importante foi criar, dentro das possibilidades, um ambiente no qual o aluno pudesse espontaneamente realizar experiências de construção de seu conhecimento. Durante o projeto, formatou-se naturalmente um tipo de aula na qual a escola poderia trazer inclusive, para a vivência humana dos alunos, profissionais das áreas específicas como experimentamos em nosso projeto. Na aula de Direitos e Deveres, por exemplo, convidamos um advogado para participar da roda de discussão dos alunos sobre essa temática. E assim fizemos com questões de psicologia, sexualidade, etc.

Em síntese, a preparação das aulas como espaço de construção foi sequencialmente:

- Seleção do assunto base/conteúdo proposto;
- Roda de conversa sobre o que os alunos já sabiam, traziam, conheciam ou palpitavam sobre o conteúdo/assunto proposto;
- Durante o bate papo, direcionamos os alunos para o conteúdo fatídico, porém, nunca fechado. Às vezes por exposição, às vezes usando filmes, documentários e jornais. Como os conteúdos em sua maioria eram problematizações humanas, as discussões em roda sempre desembocam em reivindicações, desabafos e por fim, sugestões de possíveis soluções;
- Dentro das sugestões dos alunos, incentivamos iniciativas concretas: como e o que podemos fazer, agir, sobre a problemática?
- Os alunos se organizavam para realizar tais ações comunitárias em seu bairro, decididas previamente entre si, ou, organizavam as entrevistas para direcionarem aos especialistas convidados, o que dava um aporte significativo na aprendizagem, na importação do conhecimento em questão, pois eram refletidos entre si antecipadamente o que iriam perguntar na visita do profissional, ou, quando em campo, vendo e sentindo na experimentação os problemas do próximo;

- Para finalizar, juntos, faziam sínteses, como artigos, para expressarem o que aprenderam ou não com o conteúdo trabalhado, preenchendo suas apostilas.

Houve vários 'desvios', naturais de uma aula em formato de roda de discussão. Os alunos iam tendo curiosidades diversas durante o diálogo, as quais não deixávamos para trás, mas as discutimos. Percebemos que dessa maneira conseguia-se manter o interesse e envolvimento dos alunos, por mais que atrasasse o conteúdo: Vale mais a quantidade de conteúdos alcançados pelo professor ou aqueles realmente adquiridos pelo aluno através de sua própria linha de raciocínio? Apostamos no segundo resultado.

O marco por excelência, desse projeto, foi ao experimentarmos a participação do aluno em problemas comunitários, sua vivência e seu sentir durante a prática caritativa respondeu positivamente a tentativa de moldar um novo modo de olhar o outro, de olhar o mundo. A expectativa foi a de, na melhor das hipóteses, criar naturalmente nos alunos durante o processo uma série de normas embasadas num contexto humanitário de cooperação, e não de competição, aceitas de modo livre e consciente, as quais organizam a conduta do ser humano em sociedade. Na prática, observamos que se confirmam, se modificam e se ampliam os saberes previamente discutidos. Só falar de virtudes não as concretizam. O pensar somado ao agir, é ato comunicante, articulado e conector. Sobre os conteúdos da nova disciplina aqui pensada, selecionamos como base de direção:

- *Animais que pensam* - Um apanhado sobre a história do pensamento humano, partindo do homo sapiens, passando pelo nascimento da linguagem, da escrita, da imprensa até chegar à era da nuvem;
- *Animais políticos* - O surgimento da genes, da Pólis, do cidadão, da Democracia (como era no início e como é hoje).
- *Constituição, direitos e deveres* – Trabalhar com os alunos o mínimo que devemos saber sobre nossa constituição, sobre o quanto o dever é importante para se manter os direitos e sua importância enquanto seres sociais. Buscar ligar o conteúdo o máximo possível às realidades do dia a dia dos alunos envolvidos. É passível de convidar para esse tópico, um advogado ou juiz.
- *Senso Crítico x Senso Comum x Bom Senso*;
- *Os Sete Caputs* – Baseado nos Sete Pecados Capitais, trabalhar cada um deles. O que são, como podem desencadear outros problemas a partir deles e, diagnóstico dos alunos sobre onde estão os mesmos em suas vidas concretas, na sociedade de seu tempo.

- *As Sete Chaves do Sucesso* – Baseado nas Sete Virtudes, trabalhar cada uma delas contrapondo-as com os Sete Caputs. Nesse tópico, começam-se as atividades práticas dos alunos na escola e, na comunidade a qual a escola pertence.
- *Grandes Humanos* – Tópico para se explorar identidades e feitos que fizeram a diferença em nossa história relacionado ao eixo humano. Atos bons, caridosos, heroicos, pessoas que se esforçaram e fizeram a diferença. A ideia é valorizar tais ações e incentivar sua realização. Cabem aqui, possíveis convidados dos alunos ou da escola que tenha um feito admirável mais próximo dos alunos;
- *A Máquina* – Como funciona nossa máquina estatal, as funções de cada político (presidente, ministros, deputados, senadores, prefeitos, vereadores, etc.) e a importância do voto consciente assim como o grave perigo do extremismo, da falta de diálogo em prol do bem comum;
- *Políticas Públicas e Sociais* – Espaço para aprendizagem sobre os caminhos que a Democracia e a Legislação oferecem para a participação ativa do cidadão no governo. A ideia principal desse tópico é a de que os alunos constatem que é possível intervir em seu meio, ajudar a melhorar, participar, quando conhecemos os caminhos corretos. Em ligação com o tópico *Sete Chaves do Sucesso*, os alunos aqui, ao conviver e conhecer as maiores dificuldades de sua comunidade nas atividades práticas poderão juntos desenvolver projetos políticos para melhorias e soluções representando sua escola, seu bairro, seu vizinho, sua família, a si mesmo. Cabe nesse espaço, a participação de um Vereador.
- *Gêneros em rede* – Nesse tópico, abrimos espaço para trabalhar possíveis traumas, tabus e curiosidades sobre sexualidade, sobre o cruzamento entre biologia, cultura e psicologia. Sobre as crueldades já feitas em nome do preconceito até hoje e de conquistas positivas até aqui. Focando no respeito, na tolerância e beleza dessa liberdade. Cabe nesse espaço, à participação de um sexólogo ou psicólogo;
- *Primeiros Socorros* – O mínimo de conhecimento na área de Primeiros Socorros. Cabem à participação de profissionais como bombeiros, enfermeiros, médicos e etc.
- *Animais Tecnológicos* – Voltar ao surgimento da Nuvem, já citado no tópico *Animais que pensam* repassar pelo tópico *senso crítico x senso comum*, para finalizar em um espaço de aprendizagem concreta sobre fake News (pode-se aqui

identificar o Caput “falso testemunho”, escondido em roupa contemporânea), o que são e o que causam, como procurar referenciais seguros na internet. Cabe nesse espaço, a participação de um profissional da área.

- *Família* – Com a participação dos pais ou responsáveis pelos alunos em atividades em grupo e/ou em suas casas. A missão é buscar a reaproximação entre jovens e adultos, resgatando histórias de família através de pesquisas do aluno sobre sua história, sobre a história de seus pais, sobre as maiores dificuldades e sonhos dos mesmos.
- *Quero Faculdade* – Ensinar quais são os caminhos para se conseguir ir para uma faculdade. Os tipos de faculdades, tipos de cotas, ENEM e proUni. O importante é desmistificar e mostrar ao aluno os caminhos que existem e que a maioria desconhece ou acha impossível para si. Cabe nesse espaço, visitas a feiras de profissões.

O Trivium era equivalente ao ginásio da Grécia Antiga e do começo da Idade Média, que orientava uma boa formação do indivíduo. Analisemos com atenção, eram três as matérias chaves:

Gramática, que designa um conjunto de regras que regem o uso de uma língua, especialmente o modo como as unidades desta se combinam entre si para formar unidades maiores. Também designa um ramo da linguística que estuda os elementos que compõem a gramática das línguas.

Retórica, a arte de usar uma linguagem para comunicar de forma eficaz e persuasiva, conjunto de prescrições e regras que determinam o uso considerado correto e lógico da língua escrita e falada.

Já a **Dialética**, significa “caminho entre as ideias”, um método de diálogo cujo foco é a contraposição e contradição de ideias que levam a outras ideias, em sentido bastante genérico oposição, conflito originado pela contradição entre princípios teóricos ou fenômenos empíricos. No platonismo, é o processo de diálogo, debate entre interlocutores comprometidos com a busca da verdade, através do qual a alma se eleva, gradativamente, das aparências sensíveis às realidades inteligíveis ou ideias.

O percurso educativo aqui proposto convida-nos a refletir um novo formato, onde cada matéria pode ser acomodada em um Trivium Contemporâneo: **Virtude, Política, Práxis**.

Virtude: designação de característica ou de aglomerado de características positivas moralmente, sublimidade ou melhoria moral que pode ser ensinada e compartilhada para o bem individual e coletivo. No caso de nossa aula, as Sete Virtudes como conteúdo de estudo e base para todas as atividades durante o ano, um sistema de princípios para organizar

informações e choques do mundo sensível. As Sete Virtudes como remediação aos Sete Pecados cabeças, responsáveis pelo desencadeamento dos problemas sociais que enfrentamos em qualquer época ou cultura, que causam a infelicidade. Se a infelicidade tem causas, ela pode ser estudada. O homem que sofre torna-se sensível ao sofrimento do outro.

Política: conteúdo focado na história política humana, surgimento e seu desenrolar até chegar ao hoje. Como funcionam os governos, para que serve cada cargo público os quais os jovens um dia irão votar quais os caminhos de participação do cidadão no governo democrático. A política como instrumento de valorização da cidadania onde ser cidadão é ter direito a participar no destino da sociedade, votar, ser votado, ter direitos políticos. Relaciona-se, portanto, com a participação consciente e responsável na sociedade, zelando para que seus direitos não sejam violados. Para estabelecer justiça e cidadania deve existir o engajamento da sociedade em defesa de seus valores fundamentais, e que essa sociedade se invista na posse de seus mais elementares direitos, sem se esquecer de seus deveres, é claro. Mas, para isso, é preciso ensinar tudo isso. Conteúdo para dar condições de emancipação de estudantes capazes de atribuir real significado à palavra cidadania.

Práxis: prática, ato, diligência, atividade, ação concreta, parte do conhecimento voltada para as relações sociais e as reflexões políticas, econômicas e morais.

Em síntese, Gramatical, que designa um conjunto de regras que regem o uso de uma língua, dá espaço para as o conjunto de virtudes que podem ser ensinada e compartilhada para o bem individual e coletivo. A retórica como conjunto de prescrições e regras que determinam o uso considerado correto e lógico da língua escrita e falada cede espaço para a Política, os mecanismos existentes disponíveis e corretos para dar vazão às virtudes ensinadas. E por fim, a Dialética concede espaço para a Práxis, os alunos indo a campo, colocando em prática, experimentando a política e as virtudes empiricamente.

Nem sempre o acúmulo de conhecimento te faz feliz, mas sim a sua utilidade, organicidade, a estruturação do seu mundo a partir desse conhecimento. O conhecimento não pode mais ser vinculado à erudição, a capacidade vocabular, a capacidade de memória, quando buscamos pessoas que possam ser aproveitadoras da capacidade de produzir a partir de um conhecimento.

3. RESULTADO E DISCUSSÃO

A atividade prática dos alunos, ao alterarem a realidade concreta de sua comunidade, fez com que eles crescessem em valores mínimos, em seus respeitos aos problemas do próximo, na valorização da própria vida quando percebiam estar melhor que alguns e, ainda

criava um novo olhar da comunidade para com a escola de seu bairro. Observamos que os indivíduos tendem a responderem a estímulos que se somam e, esse experimento mostrou que quando um estímulo de satisfação se agrega às ações, há um instante de felicidade, alterando as bases onde as ações humanas se apoiam, mudando atitudes e comportamentos para atingir metas determinadas, cujo fim último é a vivência dessa felicidade.

A observação comportamental dos alunos em campo permitiu concluir que a base fundamental para que o indivíduo passe a exercer a cidadania é inserir o seu aprendizado no seu meio social real para concretizar uma nova atitude psicológica. A agregação de novos valores e conhecimento que satisfazem as necessidades do indivíduo permite a modelagem de seu comportamento anterior, haja vista dirimir a incapacidade advinda da má situação social e econômica deles, pois sua estrutura cognitiva foi modificada ao longo da vivência do aprendizado, alterando em conformidade a motivação interna de cada um observada em suas sínteses. O que nos leva também a concluir que essa possível aula, apesar de necessitar sim de bases e diretrizes, necessitaria, se adicionada no Currículo Escolar, dialogar fortemente com cada célula escolar e sua comunidade de forma independente e livre.

A facilitação no aprendizado para as atitudes, estimulando ações na prática, se mostraram fatores que promovem e desencadeiam a aprendizagem associada a processos internos de conscientização, estimulam as capacidades no eixo humano estimulando o bem em potência do indivíduo mediante sua interação real com seu meio físico-social, transformando-o. Assim, consideramos, por exemplo, que as atitudes e iniciativas que surgiram dos alunos quanto a ações em sua comunidade como um primeiro motor para movimentar, em grupo, o seu meio, fazendo diferença na realidade alheia, porém, intrínseca a suas realidades, mostrando no horizonte a possibilidade do deslocamento da escolarização para a educação integral do ser com a escola como mediadora na construção e reconexão da essência humana.

A reflexão quanto ao eixo humano nos dias de hoje, assim como seus desafios tecnológicos e sociais versus a educação, também foi positiva. Os conteúdos aqui indicados como estrutura base para o espaço dessa aula se mostraram certos, quando percebidos pelos alunos como úteis para a própria vida. No módulo Políticas Públicas e Sociais, por exemplo, os alunos após aprenderem sobre Projetos de Lei, conseguiram juntos desenvolver através desse caminho aprendido e até então totalmente desconhecido, desenvolver uma proposta de lei, um pedido o qual enviamos à Câmara dos Vereadores. Mais do que apenas aprender um dos caminhos políticos possíveis a um cidadão ativo, os alunos ao escolherem o pedido, demonstraram clara preocupação com a escola, com seus jovens contemporâneos e, com a esperança de melhorias futuras, pois, a solicitação em tal Projeto de Lei, foi a de um profissional psicólogo em cada escola pública, e explicaram com maestria no corpo do projeto

os motivos que os levaram a solicitar tal direito. Acreditamos, através dos resultados obtidos, que o progresso que precisamos tem de nascer do próprio indivíduo para com o próximo e para consigo mesmo, na quebra do egoísmo ético, do individualismo cego e excessivo, na compreensão de que ajudando o outro estaremos nos ajudando e que só no avanço coletivo haverá o progresso humano. Essa conscientização pode nascer de inúmeras maneiras, e, a inclusão dessa construção na educação poderia ser uma delas.

Em tempos de mudança de pensamento humano através da era da informação, e agora, após o enfrentamento de uma pandemia que balançou uma sociedade que já se encontrava confusa em valores e afetos, é imprescindível que a práxis educativa busque resgatar a essência humana através de conteúdos e metodologias que ensinam vida e possam proporcionar a uma compreensão da necessidade do olhar para o outro não como um adversário, não como um competidor, mas como alguém capaz de conviver em harmonia para construção de uma sociedade mais humana, mais harmoniosa, mais sensível aos problemas do mundo. Colocar o elemento humano como conteúdo de aprendizagem, para a formação de adultos capazes de compreender os desafios de seu tempo, de lutar pelo melhor viver, de reconhecer fatos, gestos, unir conhecimentos, recordar o que já se foi feito de bom e de bem, comprometidos com as gerações futuras, os fez estar no mundo como parte dele.

Em nossa pesquisa de campo, encontramos indícios nas atitudes dos alunos, inclusive em seus escritos, a possível germinação de um ato baseado em uma virtude estimulada em aula, seja ela do campo das virtudes e pecados tomistas, seja ela como cidadão ativo e transformador de sua realidade. Encontrar esses elementos de virtudes que vão em oposição à influência do meio pouco moral, amoral ou imoral em que sua comunidade vive, se mostrou potente. Esses poucos elementos de virtudes seriam as potências, na linguagem tomista, das virtudes que precisam do impulso para serem manifestadas ou tornadas ato. Virtude ética é ligada ao hábito prático.

Não se trata de um subjetivismo ético, mas sim, o de plantar no interior do indivíduo, uma veia conectora de uma moral unicista estruturada e trazida às salas de aula somada ao hábito das virtudes experimentadas na prática. Assim, pode dar-se aí, a luz ao bem objetivo, estabelecendo um princípio equilibrante entre o teórico e a prática no aprender a ser humano, pois, acreditamos no que conhecemos e, para conhecer, é preciso entender, compreender, absorver, importar como conhecimento concreto. Para importar como conhecimento, temos que vivenciá-lo. Percebemos no início, resistência dos alunos e mesmo dos pais em ingressarem em um curso humano, gratuito. Não há o interesse em conhecimento e em estudos em periferias. Os motivos podem ser tanto a falta de tal estímulo e desesperança àquela classe social assim como a própria dificuldade financeira a qual enfrentam. Isso é claro quando apareceram vários pretendentes ao curso só após conseguirmos junto a apoiadores,

cestas básicas mensais para cada aluno. É preciso dignidade humana para o crescimento social.

Escolhemos, como parte do processo, abrir o projeto para os alunos e explicar que se tratava de uma pesquisa para descobrir quais possíveis assuntos seriam interessantes de serem somados ao currículo de suas escolas para atender as suas dificuldades como seres humanos. Os alunos ficaram extremamente empolgados em saber que fariam parte de algo assim e se sentiram motivados a pensarem e trabalharem juntos. Isso sem sombra de dúvidas deu voz a eles. Na tentativa séria de um trabalho de pesquisa ético, deixamos claro os objetivos do projeto aos alunos e aos pais, fizemos matrículas com cópias de documentos dos alunos e responsáveis assim como autorizações a punho.

Nos materiais colhidos, em cartas e sínteses realizadas por eles, conseguimos pontuar iniciativas significativas onde os mesmos demonstram com clareza opiniões próprias sobre uma possível aula nova na escola que os ensinassem a se portar melhor em meio à sociedade, a conhecer seus direitos e as leis que os rodeiam. Também houve demonstração de conscientização sobre o tempo de vida que eles passam na escola assim como a falta da educação recebida em casa. Alguns afirmaram perceber que muitas das vezes a escola não percebe os problemas que eles “passam em seu interior”, expressão essa que dá ênfase a problemas de cunho social, psicológicos e emocionais que o jovem enfrenta diariamente no âmbito social. Por várias vezes os alunos sugeriram mais apoio nesses aspectos, tanto para os alunos como para os professores. Curiosamente e, para comprovação de nossa tese, houve materiais colhidos nos quais demonstraram possuir uma preocupação ou necessidade de ajudarem o próximo, algo não ensinado a eles, mas, algo inato.

Todo mês, uma cesta básica a mais era entregue para a turma de alunos do projeto, para que eles fizessem em grupo um panorama do bairro que incluía o cadastro de famílias da vizinhança. A cada mês, eles escolhiam desse cadastro, para qual família iriam entregar a cesta básica a mais. Foi crucial essa atividade para nossa percepção sobre como a ação do ‘ajudar’ é capaz de mexer com os alunos sobre ‘o que muda em mim quando ajudo alguém’. Podemos sim então, contribuir internamente durante a construção do ‘eu’ de cada aluno colocando-o para conhecer as diversidades do seu próximo. Conhecendo o outro podemos nos reconhecer, resgatar nossa tolerância através do conhecer, do ajudar. O sentimento de ‘bem’ que pode brotar no aluno quando se sente útil em ajudar a outro que precise mais do que ele, se mostrou capaz de mudar a estrutura cognitiva para assimilação e adaptação de um juízo de valores humanos mínimos. E mais, a própria comunidade pode se estimular com as atitudes dos alunos. Imagine esse efeito a nível nacional, onde cada comunidade pudesse ser representada e ajudada pelos alunos de sua escola, haveria melhoria humana, social e política. As virtudes, recebendo um movimento orgânico como conteúdos na educação, sejam

elas com os mesmos nomes Tomista ou com novos nomes, podem ser potências que através do impulso da escola possam vir a se tornarem ato.

Buscamos observar as percepções dos alunos sobre todo e qualquer assunto antes de trabalhá-lo. Por meio das poucas práticas que conseguimos desenvolver, verificamos que alguns dos hábitos e costumes dos alunos já estão sendo questionados por eles mesmos, pois vivemos um tempo em que o jovem já traz em si o movimento de conscientização autônoma. Talvez seja pela forma de criação atual onde crianças são acostumadas a serem mais independentes que antigamente e, criados por pais que em sua maioria não terminou a escola e se terminou, participou de um ensino tecnicista, sem afeto, repassando para os filhos a única forma que sabem aprender, ensinar e viver.

Definitivamente, uma aula como essa aqui proposta, deve ser considerada como um espaço. Um espaço para experimentações, confrontos e prática, totalmente participativa. Somando práticas a conhecimentos conceituais/factuais históricos, políticos, artísticos, psicológicos entre outros trabalhados em sala, de maneira a abrir uma conexão entre aluno e sua história, entre o aluno e seu tempo atual e, entre o aluno e seu papel diante da sociedade, de sua família e de sua própria vida darão subsídios para uma aula revolucionária, embora pretenda o simples, a base de como ser um humano, cooperando com a educação escolar já existente na formação de um indivíduo que tenha capacidade crítica para entender seu meio e agir nele. Quanto ao profissional facilitador dessa aula, há de se experimentar, visto não pretender ser uma aula engessada, porém, inicialmente, acreditamos que o Filósofo, o professor de filosofia, terá maior aporte para as diversas dinâmicas propostas com profundidade e efetividade sem deixar de considerar o currículo escolar oculto, as atitudes e valores transmitidos subliminarmente pelas relações sociais e pelas rotinas do cotidiano escolar.

Nessa pesquisa os alunos agiram e, nas ações, houve manifestações das virtudes. Nisso, também pudemos observar que, em uma comunidade carente, se oferecermos o pão (cesta básica) e o estímulo intelectual, eles devolvem o pão na forma de um produto novo elaborado sobre uma fundação sólida: as virtudes. Em um ato de caridade "universal", por exemplo, que nesse caso seria "comunitária," mostrou-se possível que o indivíduo dê o melhor de si ainda que o meio o induza a dar ao pior. Que é possível sim estimular humanidade na aprendizagem do ser humano. A iniciativa dos alunos ao desenvolver o projeto de lei solicitando um psicólogo na escola ao reconhecerem a necessidade de conhecer a si próprio para melhor realizar as tarefas, melhor lidar com seu meio e momento histórico, de compreender a si no outro e o outro em si e mais ainda, perceberem em seus amigos o quanto seria bom para eles passarem com tal profissional o qual não podem pagar, confirmou que é possível uma resposta positiva dos jovens contemporâneos visando uma possível melhoria

coletiva. O ser é social, sua essência é forjada pelas relações e a cultura o influencia, logo, sua essência então é mutável seguindo seu tempo histórico e geográfico, mas, há algo que não muda, essencialmente, em relação a uma construção de juízo de princípios valorativos **mínimos** no ser humano quando a questão é o conviver com o outro e, viver feliz.

Quanto à política, ela pode ser a base da educação porque ela, bem cedo, se torna uma atividade real que, quando consciente, provoca reflexão e ações frutíferas, como observado nos alunos de nosso projeto: o encanto e admiração dos mesmo quando descobriram que há caminhos reais para atuar e modificar o seu meio, desde que saibam e conheçam tais caminhos. Todos têm voz independente de sua situação econômica. Caso contrário, a única certeza é a crescente tendência social de indivíduos que odeiam a política, que não participam, que são enganados ou, que caem no extremismo sem sentido e nada político.

Devemos nos acautelar contra os perigos de nosso tempo, tais como o partidarismo extremo. De acordo com Kant, em seu texto *Menoridade da Humanidade*, a liberdade é a autonomia, e autonomia é a capacidade de regular a si mesmo, não é não ter regras de comportamento, mas, ter regras que nós mesmos nos damos por nossa capacidade racional. Um adolescente em formação e desinteressado em política por se sentir excluído, sem voz ou desprezado, dá espaço para alguém o governar como bem entender. O jovem hoje se forma como cidadão, mas nem ao menos conhece os sistemas de governo antigo ou atual, como surgiram, não sabem quais foram nossas lutas pelo voto, não têm certeza sobre o que é a simples anulação ou voto em branco, como é contabilizado. Não sabem como funciona a máquina estatal se tornando incapazes de conceber possibilidades sobre como tudo poderia ser melhorado. A violenta maioria não possui a mínima ideia sobre como foi à luta pela democracia, o que foi a ditadura no Brasil, no mundo, entre outros assuntos essenciais.

Essa nova aula, se incluída no currículo escolar, poderia contribuir como uma amiga ao envolver ação e formação interdisciplinar, pois cooperaria na orientação do participante mais importante da escola, o aluno, dirigindo o ensino para experiências de convívio, de trocas e de envolvimento, possibilitando novas conquistas psicológicas no aprendizado escolar alterando seu elemento central de desenvolvimento, reconstruindo o modo de nos associarmos.

O currículo escolar não é só quem a escola é, mas também deve ser, quem a sociedade é e quem a todos nós queremos formar. Na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, na Lei nº 9.394/96 (LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), na Lei 10.172/2001 (PNE - Plano Nacional de Educação) e nas DCNs (Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio), observamos as discussões sobre a educação por meio da escolarização, concebida como forma de socializar as pessoas de acordo com valores e

padrões culturais e ético-morais da sociedade. Ou seja, para além de difundir, de forma sistemática, conhecimentos científicos construídos pela humanidade, a educação escolar reflete como direito o componente necessário para o exercício da cidadania, dentro e fora dela. Porém, não vemos conteúdos efetivos para aporte a essa formação. Possuímos os de cunho Científico, mas nada sobre cidadania, caminhos e estruturas políticas, que é o campo de vivência e atividade da cidadania, e muito menos aportes de valores humanos mínimos.

O PDE (Plano de Desenvolvimento da Educação), como estratégia complementar ao PNE no seu caráter executivo, propõe envolver todos, pais, estudantes, professores, a sociedade em geral, em iniciativas para o sucesso da escola, assim como também agentes públicos, com vistas ao Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação, a ser viabilizado mediante programas e ações de assistência técnica e financeira aos Estados e Municípios. O que torna possível iniciativas como a desse projeto, uma aula que atenda aos direitos já descritos e, estudado e proposto com a participação dos próprios alunos do ensino médio da rede pública de ensino por uma educação com qualidade social.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência, a Cultura (UNESCO), entende que a qualidade da educação é também uma questão de direitos humanos. Como um direito fundamental, deve ser relevante e significativa do ponto de vista social e de desenvolvimento pessoal com o pleno desenvolvimento de seus sujeitos, nas dimensões individual e social de cidadãos conscientes de seus deveres e direitos, compromissados com a transformação social.

“A qualidade na escola exige o compromisso de todos os sujeitos do processo educativo para:

- I. A ampliação da visão política expressa por meio de habilidades inovadoras, fundamentadas na capacidade para aplicar técnicas e tecnologias orientadas pela ética e pela estética;
- II. “A responsabilidade social, princípio educacional que norteia o conjunto de sujeitos comprometidos com o projeto que definem e assumem como expressão e busca da qualidade da escola, fruto do empenho de todos.” (Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica; Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, 2. Direito à Educação, 2.1 Educação com qualidade social, p. 152).

Mas onde ou como está sendo realizada tal meta? Não há nos currículos nenhum conteúdo ou atividade para tais objetivos. Como ser ciente de direitos e deveres se nem ao menos o que é a Constituição da República Federativa do Brasil sabem, ou, nunca nem

mesmo pegaram um exemplar nas mãos? Esperamos deles consciência de voto, mas não os ensinamos nem o que um Deputado Federal faz, ou como funciona um Senado, os Três Poderes, etc. Não se pode esperar dos jovens o comprometimento com a transformação social se não trabalhamos com eles, durante a formação do “eu”, nenhum conteúdo sobre valores humanos. As DCNs devem ser observadas na organização curricular pelos sistemas de ensino e suas unidades escolares, podendo ser complementadas por Diretrizes próprias. Em síntese, é possível sim, a aula proposta aqui, com resultados positivos em campo, serem incluídas no Currículo escolar, tanto por dialogar com os direitos envolvidos na proposta nacional de educação, quanto pela autorização a complementações.

Dos principais parágrafos contidos nas Diretrizes Curriculares para o Ensino Médio aqui considerados para a possibilidade de inclusão da aula aqui proposta estão:

Título I – Objeto e referencial; Capítulo II – Referencial Legal e Conceitual; Art. 4º, III: o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico; **Art. 5º, I:** formação integral do estudante; **III:** educação e, direitos humanos como princípio nacional norteador; **V:** indissociabilidade entre educação e prática social, considerando-se a historicidade dos conhecimentos e dos sujeitos do processo educativo, bem como entre teoria e prática no processo de ensino-aprendizagem.

Título II – Organização Curricular e formas de oferta; Capítulo I – Organização Curricular; Art. 11: Outros componentes curriculares, a critério dos sistemas de ensino e das unidades escolares e definidos em seus projetos políticos-pedagógicos, podem ser incluídos no currículo, sendo tratados ou como disciplinas ou com outro formato, preferencialmente, de forma transversal e integradora; **Art. 13, II:** o trabalho como princípio educativo, para a compreensão do processo histórico de produção científica e tecnológica, desenvolvida e apropriada socialmente para a transformação das condições naturais da vida e a ampliação das capacidades, das potencialidades e dos sentidos humanos.

Título III – Do projeto político-pedagógico e dos sistemas de ensino; Capítulo I – Do projeto político-pedagógico; Art. 15º: com fundamento no princípio do pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, no exercício de sua autonomia e na gestão democrática, o projeto político-pedagógico das unidades escolares, deve traduzir à proposta educativa construída coletivamente, garantida a participação efetiva da comunidade escolar e local, bem como a permanente construção da identidade entre a escola e o território no qual está inserida; **V:** comportamento ético, como ponto de partida para o reconhecimento dos direitos humanos e da cidadania, e para a prática de um humanismo contemporâneo expresso pelo reconhecimento, respeito e acolhimento da identidade do outro e pela incorporação da

solidariedade; **VI**: articulação entre teoria e prática, vinculando o trabalho intelectual às atividades práticas ou experimentais; **X**: atividades sociais que estimulem o convívio humano; **XV**: valorização e promoção dos direitos humanos mediante temas relativos a gênero, identidade de gênero, raça e etnia, religião, orientação sexual, pessoas com deficiência, entre outros, bem como práticas que contribuam para a igualdade e para o enfrentamento de todas as formas de preconceito, discriminação e violência sob todas as formas; **XXI**: participação social e protagonismo dos estudantes, como agentes de transformação de suas unidades de ensino e de suas comunidades;

Capítulo II – Dos sistemas de ensino; Art. 17; II promover, mediante a institucionalização de mecanismos de participação da comunidade, alternativas de organização institucional que possibilitem, b): várias alternativas pedagógicas, incluindo ações, situações e tempos diversos, bem como diferentes espaços – intraescolares ou de outras unidades escolares e da comunidade – para atividades educacionais e socioculturais favorecedoras de iniciativa, autonomia e protagonismo social dos estudantes; **c):** articulações institucionais e comunitárias necessárias ao cumprimento dos planos dos sistemas de ensino e dos projetos político-pedagógicos das unidades escolares; **III**: fomentar alternativas de diversificação e flexibilização, pelas unidades escolares, de formatos, componentes curriculares ou formas de estudo e de atividades, estimulando a construção de itinerários formativos que atendam às características, interesses e necessidades dos estudantes e às demandas do meio social, privilegiando propostas com opções pelos estudantes.

Acreditamos em um currículo, em cada escola, como um espaço de pesquisa onde além dos conteúdos científicos, se possa refletir sobre a sociedade em que vivemos partindo da comunidade, ou sobre temas diversificados e relativos à subjetividade do indivíduo, sendo esse o principal predicado do mesmo. Consideramos possível, gestores e docentes, organizar esse espaço para atividades de pesquisa que tente tais reflexões. É fundamental um esforço para que, concretamente, a comunidade em que a escola se situa possa dialogar honestamente com a mesma, e a Secretaria de Educação deve ser chamada a apoiar e, a colaborar.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um estudo dos próprios alunos como fonte onde os pontos abordados são reflexivos sobre o que poderíamos somar ao ensino para formar indivíduos que de maneira mais humana, autônoma, crítica e criativa conseguirão analisar como as coisas passaram a ser como são hoje e, o que podem fazer para que elas sejam diferentes de como estão, partindo de si mesmos. Existem troféus, valorização, notas, diplomas e discursos para bons

estudantes, para bons cientistas, mas ainda nada para as boas ações humanas em uma sociedade mundial em que a corrupção é a palavra em alta. Corrupção da política, dos bons costumes, da consciência.

Se a violência e suas múltiplas manifestações estão ligadas ou enraizadas aos *caputs*, um remédio eficaz há de estar na recuperação ou reconhecimento das virtudes e na força da educação como convite a ação. Dando uma vitalidade orgânica às virtudes, é possível então, resgatar a moral substancial, unicista, que é atemporal e totalmente desvinculada do devir constante dos costumes geográficos, resgatando assim as virtudes em cima da tendência ao bem inata a todos somada a formação integral de um cidadão ativo e crítico. Uma aula que pudesse, inclusive, trazer para si problemas socializantes da escola, o que há de informal na experiência escolar comumente negligenciada. Que aproveite os saberes que os alunos trazem consigo, suas experiências informais. Uma aula que pudesse, por ser em si mesma um espaço de criação de conhecimento humano, quem sabe, produzir grupos com alunos da escola toda, por exemplo, e dividir entre si fazeres de melhorias no prédio no qual passam tanto tempo de suas vidas, onde em tal escalada a faxineira, a merendeira, a secretária, o porteiro, todos, tornassem participantes educadores, haja vista que a verdadeira coluna social é composta por profissionais como esses.

Quando colocamos na base do sistema social a semente que nos conecta por aquilo que nos faz humanos, por nossa essência inata, por nossa igualdade como ser, com certeza há mudanças. É possível através de práticas educacionais exercitar a unidade, solidificar a utopia social de uma melhor convivência onde todos são por todos, iniciando-se na formação de valores interiores, da regeneração individual à coletiva. Com a união do homem que pratica as virtudes e do homem que sabe os caminhos que lhe pertencem como cidadão na política, não partidária, mas estrutural, a política como a máquina criada para garantir direitos e deveres, pode se estabelecer um possível caminho para a redenção social, política e econômica futuras por meio do novo homem, maduro.

Para a construção de um cidadão que possa realmente participar e exercer capacidades, direitos e até deveres já estabelecido pela democracia, é preciso ensinar-lhes tudo isso. Assim, como a sociedade reflete a educação, a escola é um palco no qual a sociedade também se expressa, em uma bi unicidade onde a política faz a intermediação, o que a torna, portanto, elemento chave nos objetivos aqui colimados. É preciso liberdade política para ser cidadão, mas liberdade política exige conhecimento dela, quesito central, nuclear, para se fazer possível a formação de cidadãos capazes de iniciar reflexões sobre problemáticas atuais.

Inserir conteúdo de aporte moral mínimo de convivência social repousado na história humana é radicalmente coerente. Ensinar democracia exige ensinar a tolerância, pluralidade,

alteridade. Propomos uma aula então, criadora de gente, na qual o homem enquanto humano é objeto e objetivo. A escola do futuro talvez volte ao formato antigo, de peripatéticos aprendendo enquanto caminham ou, de socráticos que se desenvolviam no mercado criando conhecimentos a partir das realidades. O espaço escolar pode hoje, se condicionar ao não presencial, às redes à distância, a internet. O que o espaço escolar enquanto físico pode vencer disparado ainda é quanto à socialização, convivência, tolerância, compartilhamento humano. Então, é exatamente isso que propomos trabalhar, o único valor que a tecnologia não pode ensinar, o humano, dando pouca importância à memória e muita à reflexão e a ação. Escolas são pessoas, a escola não muda a sociedade, como diria Freire, mas se mudar as pessoas, as pessoas mudam a sociedade.

5. REFERÊNCIAS

- AQUINO, Tomás. *Sobre o Ensino (De Magistro), os Sete Pecados Capitais*. 2. ed. Tradução Luiz Jean Lauand. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- AQUINO, Tomás. *Suma Teológica*. vol. 4. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- ARISTÓTELES. *Metafísica*, 384-322 a.C. Tradução: BINI, Edson. 1. ed. São Paulo: Edipro, 2006.
- CHADWICK. Sobre Piaget: Apud Galvis, 1992.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia, saberes necessários à prática educativa*. 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (coleção leitura).
- GAMEZ, Luciano. *Psicologia da Educação. o Rio de Janeiro: LTC*, 2013.
- PIAGET, Jean. *Biologia e Conhecimento*, (1967). Tradução: Francisco M. Guimarães. Petrópolis: Vozes, 1973.
- PLATÃO. *A república*. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001
- VIGOTSKI, L. S. *A formação social da mente*. 7. ed. São Paulo: Martins Editora Livraria, 2014.

CONSIDERAÇÕES

PDE - Plano de Desenvolvimento da Educação;

Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, Lei nº 9.394/96;

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 10.172/2001;

PNE - Plano Nacional de Educação;

DCN's - Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio

Contatos: contato@patriciavolpe.com.br e marcelo.bueno@mackenzie.br